



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

MARIA EDUARDA SANTOS COSTA

**O LUTO EM FOCO: PARALELOS ENTRE *THE HORSE DEALER'S DAUGHTER* E
A NARRATIVA SERIADA DE *THE LAST OF US***

**GUARABIRA – PB
2024**

MARIA EDUARDA SANTOS COSTA

**O LUTO EM FOCO: PARALELOS ENTRE THE HORSE DEALER'S DAUGHTER E
A NARRATIVA SERIADA DE THE LAST OF US**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Estudos críticos de Literaturas Anglófonas

Orientador: Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto

**GUARABIRA - PB
2024**

MARIA EDUARDA SANTOS COSTA

O LUTO EM FOCO: PARALELOS ENTRE *THE HORSE DEALER'S DAUGHTER* E A
NARRATIVA SERIADA DE *THE LAST OF US*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento do Curso de Licenciatura em
Letras Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Estudos críticos de
Literaturas Anglófonas

Aprovada em: 18 / 11 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Waldir Kennedy Nunes Calixto
Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aline Oliveira do Nascimento
Profª. Ma. Aline Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thais de Matos Barbosa
Profª. Ma. Thais de Matos Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837 Costa, Maria Eduarda Santos.
O luto em foco [manuscrito] : paralelos entre The Horse Dealer's Daughter e a narrativa seriada de The Last of US / Maria Eduarda Santos Costa. - 2024.
45 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto, Departamento de Letras - CH".

1. Luto. 2. Literatura Comparada. 3. The Horse Dealer's Daughter. 4. The Last of us. 5. Mise-en-scène. I. Título

21. ed. CDD 410

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter proporcionado condições para que chegássemos até aqui e desenvolvêssemos este trabalho, planejado e executado com bastante empenho.

Também deixo registrada minha gratidão ao meu orientador, professor e parceiro de labutas acadêmicas, Me. Kennedy Nunes Calixto, que acreditou no potencial da minha ideia e a refinou ainda mais. Tive o privilégio de passar pela mão de pessoas que têm suas áreas muito bem definidas e já trabalham juntas há algum tempo; assim, estive sob a orientação da pessoa certa na hora certa. Sou grata a toda a paciência, tempo, orientações, “puxões de orelha” e conselhos que me guiaram no caminho que eu deveria trilhar até a conclusão final da pesquisa, porque por mais experiência que possamos adquirir ao longo do tempo, cada trabalho é único.

Agradeço à minha família, meu pai, Eduardo da Costa Júnior, por todo o suporte diário na Universidade, e à minha mãe, Edivânia Santos, que também deu ainda mais suporte logístico e confiança, cuidando para que tudo funcionasse da melhor maneira possível - e realmente funcionou.

Em memória das minhas avós, Maria Judith Costa e Maria da Penha Santos, que foram motivações condutoras e emocionais para este trabalho, além de duas grandes incentivadoras da minha vida acadêmica e pessoal, das quais sentirei profundamente os impactos das ausências.

À meu parceiro de vida, Hugo Mateus, minha eterna gratidão por se fazer presente e por ser suporte nos momentos bons e ruins durante essa pesquisa, declarando a mim total apoio à consolidação dessa etapa em minha vida. Sua compreensão das minhas renúncias, para que eu pudesse me debruçar sobre as necessidades da pesquisa e dessa jornada acadêmica, foi fundamental.

Expresso a sensação de dever cumprido com a realização desta pesquisa e afirmo que ela é uma parte de mim, pois a realizei com muito afeto. Que este não seja apenas o fim de uma pesquisa, mas também um sinônimo de continuidade para novas fases acadêmicas. Cada página que escrevemos abre portas para novas perguntas, explorações e horizontes; onde cada experiência se entrelaça com as anteriores, formando um rico tecido de conhecimento que nos impulsiona adiante.

“Fique quieto quando não tiver nada o que dizer; mas quando um verdadeiro ardor lhe mover, diga o que tem que ser dito, e diga com força” (Lawrence, 1914).

RESUMO

Este trabalho analisa as representações do luto nas narrativas da obra literária de *The Horse Dealer's Daughter* e na série televisiva *The Last of Us part I*, episódios 7 e 8, e como as experiências emocionais das personagens femininas protagonistas das respectivas obras se interconectam, revelando as complexidades do luto e do trauma em contextos distintos. Percebe-se uma desvalorização da literatura clássica, especialmente de algumas obras de D. H. Lawrence que são pouco estudadas no meio acadêmico, como também na falta de um comparativismo literário entre obras clássicas e modernas que poderiam incentivar os leitores e expectadores a conhecer obras clássicas. Buscamos, assim, não apenas valorizar a literatura clássica, mas também incentivar o público a voltarem seu olhar para histórias como o conto escolhido para análise que pode estar à sombra de produções mais populares, como obras como “*The Last of Us*”. Nosso foco de pesquisa será o luto e seus desdobramentos ficcionais, levantando possibilidades concernentes às experiências de luto vividas pelas personagens. Supomos que as experiências de luto vividas pelas personagens Mabel Pervin e Ellie Williams possam apresentar similaridades ou distinções significativas. Essa conexão sugere que a representação do luto pode ser explorada de maneira multifacetada, refletindo a complexidade humana diante da perda, independente da barreira temporal que afasta as duas figuras. A pesquisa é de natureza qualitativa e se fundamenta em uma análise comparativista das obras citadas. Apoiamo-nos principalmente em Freud (1914-1916) (1924) (1994) (1996) O estudo é estruturado em quatro capítulos: apresentação das obras, aspectos do Luto traumático, análise do conto e da série, e comparação das protagonistas. Destacamos a importância de aproximar mídias contemporâneas à literatura clássica, enriquecendo a compreensão das emoções humanas. Reafirmamos que, apesar das diferenças entre as obras, existe uma ressonância nas experiências de perda que transcende os contextos, permitindo uma reflexão enriquecedora sobre a condição humana. Evidencia a relevância de diálogos intertextuais entre diferentes formas de arte, destacando que a compreensão do luto é essencial para uma análise mais abrangente das emoções e suas representações.

Palavras-Chave: Luto. Literatura Comparada. *The Horse Dealer's Daughter*. *The last of us*. *Mise-en-scène*.

ABSTRACT

This study examines the representations of grief in the narratives of the literary work *The Horse Dealer's Daughter* and the television series *The Last of Us Part I*, specifically episodes 7 and 8. It explores how the emotional experiences of the female protagonists in both works interconnect, revealing the complexities of grief and trauma in distinct contexts. There is a notable undervaluation of classic literature, particularly certain works by D. H. Lawrence that are seldom studied within academic circles, as well as a lack of literary comparativism between classic and modern works that could encourage readers and viewers to engage with classic texts. Therefore, this research aims not only to valorize classic literature but also to encourage audiences to redirect their attention toward stories like the selected short story for analysis, which may be overshadowed by more popular productions such as *The Last of Us*. Our research focus will be on grief and its fictional developments, raising possibilities regarding the grieving experiences of the characters. We hypothesize that the grief experiences of Mabel Pervin and Ellie Williams may present significant similarities or distinctions. This connection suggests that the representation of grief can be explored in a multifaceted manner, reflecting human complexity in the face of loss, regardless of the temporal barriers separating the two figures. The research is qualitative in nature and is grounded in a comparative analysis of the cited works, primarily drawing on Freud (1914-1916; 1924; 1994; 1996). The study is structured into four chapters: presentation of the works, aspects of traumatic grief, analysis of the short story and series, and comparison of the protagonists. We emphasize the importance of bridging contemporary media with classic literature to enrich our understanding of human emotions. We reaffirm that despite differences between the works, there exists a resonance in experiences of loss that transcends contexts, allowing for an enriching reflection on the human condition. This research highlights the relevance of intertextual dialogues between different forms of art, asserting that understanding grief is essential for a broader analysis of emotions and their representations.

Keywords: Grief. Comparative literature. "*The Horse Dealer's Daughter*". "*The Last of Us*". *Mise-en-scène*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vínculo com Riley.....	18
Figura 2 – Bonecas e infectado.....	20
Figura 3 – Paisagem sob a neve.....	21
Figura 4 – Cena da cabana.....	21
Figura 5 – Abraço paternal.....	23
Figura 6 – Aperto de mãos, começo e fim.....	25
Figura 7 – Plano de fuga e iluminação.....	26
Figura 8 – Dança das máscaras e sexualidade.....	28
Figura 9 – Parede do quarto da Ellie.....	29
Figura 10 – Fitas cassete.....	30
Figura 11 – Janela do quarto da Ellie.....	30
Figura 12 – Máscaras e beijo.....	31
Figura 13 – Cena da refeição.....	34
Figura 14 – Ellie encurralada.....	36
Figura 15 – Plano de fuga amplo apequena a personagem.....	37
Figura 16 – Cidade isolada.....	38

SUMÁRIO

1. Introdução	07
2. Lamentos e Esperança: Apresentando as Narrativas de Mabel e Ellie	09
2.1. “ <i>The Horse Dealer's Daughter</i> ”.....	09
2.2. “ <i>The Last of Us</i> ”.....	10
3. Aspectos do Luto Traumático	11
4. Mise-en-scène: Ambientes e Elementos Visuais	15
5. Entre Cenários e Emoções	16
6. Conclusões	39
Referências	40

1. Introdução

A ampla gama de experiências narrativas podem assumir diferentes formatos e funções. Assim como a literatura, têm a capacidade de criar enredos multifacetados, fundamentais para compreender o mundo, expressar experiências e transmitir valores culturais. Algumas dessas histórias encontradas em jogos eletrônicos manifestam-se em argumentos de teses, canções populares, mitos antigos, poemas épicos e séries de televisão.

Roland Barthes afirma que "A narrativa está presente em todos os lugares, em todas as sociedades, começando com a própria história" (Barthes, 1973, p. 103-104). O que ressalta a universalidade da narrativa, destacando que contar histórias é uma necessidade intrínseca ao ser humano, refletindo nossas experiências e valores ao longo do tempo. Nesse contexto, Janet Murray (1997) destaca: "um meio não-linear é capaz de representar a simultaneidade de processamentos que ocorrem no cérebro, permitindo que o público conheça uma história fora de sua continuidade convencional, podendo optar entre fatos e personagens" (p. 236). Assim, enquanto a essência da narrativa permanece fundamental na experiência humana, as inovações tecnológicas oferecem novas plataformas para expressar e reinterpretar essas histórias, criando um diálogo contínuo entre o passado e o presente.

É importante reconhecer a narrativa transmídia como uma abordagem que permite a extensão de uma história através de múltiplas plataformas, onde cada formato contribui de maneira única para o desenvolvimento da narrativa, proporcionando uma experiência mais rica e interconectada ao público. (Ryan, 2016; Jenkins, 2006)

Nosso foco de pesquisa será o luto e seus desdobramentos ficcionais, levantando possibilidades concernentes às experiências de luto vividas pelas personagens femininas na série *The Last of Us I* (HBO) e no conto *The Horse Dealer's Daughter*. Supomos que as experiências de luto vividas pelas personagens Mabel Pervin e Ellie Williams podem apresentar similaridades ou distinções significativas. Essa conexão sugere que a representação do luto pode ser explorada de maneira multifacetada, refletindo a complexidade humana diante da perda, independente da barreira temporal que afasta as duas figuras.

Com isso, analisaremos como o audiovisual contribui para a construção das emoções relacionadas ao luto nas histórias das personagens através de elementos como cores e ambientes presentes no cenário ou na encenação¹, especificamente associados ao luto como exteriorização do espaço mental, sem desconsiderar o contexto histórico e social em que cada personagem está inserido.

¹ Narrativa transmídia é uma estratégia de comunicação onde uma história é contada através de múltiplos meios e plataformas, cada um contribuindo de maneira única para a compreensão do universo narrativo, permitindo uma experiência imersiva e integrada (Ryan, 2016; Jenkins, 2006).

A pesquisa é de natureza qualitativa e se fundamenta em uma análise comparativista das obras *The Horse Dealer's Daughter*, de D.H. Lawrence, 1922² e a primeira temporada de *The Last of Us.I* (2023). A metodologia será orientada para explorar a obra ainda pouco estudada como a de D.H. Lawrence. Ele é um autor que, apesar de sua importância literária, ainda enfrenta certa resistência acadêmica. Isso se deve, em parte, ao conteúdo controverso de suas obras, que frequentemente abordam temas como sexualidade e relações humanas de maneira explícita e muitas vezes chocante para a época em que foram escritas. Especificamente, "*The Horse Dealer's Daughter*" é uma obra que, embora rica em simbolismo e complexidade emocional, não recebe tanta atenção quanto outras obras de Lawrence. A crítica acadêmica tende a focar mais em seus romances mais conhecidos, como "O Amante de Lady Chatterley" e "Mulheres Apaixonadas". Além disso, a narrativa de "*The Horse Dealer's Daughter*" pode ser vista como desafiadora (Czkester, 2012).

Em comparação com a narrativa seriada³ e transmídia de "*The Last of Us*". Com similaridades presentes em uma obra clássica e uma adaptação que já tem até segunda temporada confirmada para 2025.

Buscamos, assim, não apenas valorizar a literatura clássica, mas também incentivar os leitores a voltarem seu olhar para histórias como o conto escolhido para análise que podem estar à sombra de produções mais populares. Essa abordagem enriquece a discussão sobre o luto, revelando nuances e profundidades que podem ser facilmente negligenciadas, abordando quatro pilares principais: luto, trauma, narrativa e *mise en scène*. Utilizaremos as teorias de Freud sobre psicanálise (1914-1924) para discutir o luto justamente com Cathy Caruth,(1996) diante da narrativa do trauma. Essas teorias ajudam a entender como as personagens enfrentam a dor da perda em um mundo devastado, passando por um processo emocional complexo.

A construção narrativa será explorada através de Roland Barthes, (1973) que discute a criação de significados nas histórias. Essa perspectiva nos ajudará a entender como *The Last of Us* utiliza elementos narrativos para transmitir emoções intensas. Paul Ricoeur (1994) para mencionar algumas ideias sobre memória e narrativa. Winnicott (1995) para discutir questões interacionais das nossas personagens enquanto crianças. Além disso, consideraremos as ideias de Oliveira(2013) sobre *mise-en-scène*, analisando como os aspectos visuais e espaciais influenciam a recepção emocional do público.

Analisamos os episódios 7 e 8 da série e comparações com o conto "*The Horse Dealer's Daughter*", permitindo examinar como essas duas diferentes mídias representam as experiências

2 Utilizamos a versão traduzida por Castilho (1996)

3 O termo refere-se a uma estrutura narrativa em que uma situação fixa e um número determinado de personagens principais são mantidos ao longo de várias histórias, enquanto personagens secundários podem mudar, criando a impressão de que cada nova história é diferente da anterior. Essa forma narrativa é frequentemente utilizada em produções de televisão, como comédias de situação e dramas, onde a repetição de elementos narrativos gera uma satisfação no público ao reconhecer padrões e personagens familiares.

emocionais das personagens e impactar o espectador, percebemos que as experiências de luto e trauma são complexas e multifacetadas. A identificação com personagens fictícios que enfrentam situações semelhantes às nossas pode despertar uma curiosidade genuína sobre o processo de criação dessas obras. Isso nos leva a explorar as emoções e os contextos que moldaram essas histórias, enriquecendo nossa compreensão tanto da ficção quanto das experiências humanas.

O trabalho será estruturado em quatro capítulos principais: apresentação das obras, fundamentação teórica, análise do conto e da série, e comparação das protagonistas. O primeiro capítulo apresentará as obras *The Horse Dealer's Daughter* e *The Last of Us*, com resumos e contextos históricos e culturais. O segundo capítulo abordará a fundamentação teórica sobre luto e trauma, explorando suas inter-relações. O terceiro capítulo se concentrará na análise do conto "*The Horse Dealer's Daughter*", enquanto o quarto capítulo fará uma comparação entre as experiências de luto das protagonistas, revelando paralelos e divergências que enriquecem a compreensão das narrativas e dos complexos sentimentos humanos envolvidos na perda.

2. Lamentos e Esperança: Apresentando as Narrativas de Mabel e Ellie

2.1. "The Horse Dealer's Daughter"

"*The Horse Dealer's Daughter*" é um conto escrito por D.H. Lawrence em 1922, que mergulha nas profundezas do luto e da perda através da vida de Mabel Pervin, uma jovem mulher de 27 anos que enfrenta a morte do pai, um negociante de cavalos. A narrativa se desenrola em uma pequena cidade rural, refletindo o contexto social e emocional do período pós-Primeira Guerra Mundial, onde as complexidades da vida familiar e as pressões sociais se tornam evidentes.

Para o leitor, a história começa com Mabel lidando com a morte paterna, fato que a deixa em um estado de abandono e desespero. Sem o apoio financeiro e emocional que o pai proporcionava, ela se sente como uma estranha em sua própria casa.

“A moça que estava sozinha, era baixa, tinha vinte e sete anos e parecia taciturna. Ela não levava o mesmo tipo de vida de seus irmãos. Seria mais bonita, se não fosse pela fixidez impassível de seu rosto, 'cara de buldogue',” como diziam seus irmãos” (Lawrence 1996 p.7)

Assim, Mabel é apresentada como uma personagem complexa, cuja tristeza pode ser evidenciada. Sua relação com seus irmãos revela ainda mais o impacto da perda: eles estão tão envolvidos em suas próprias frustrações que não conseguem oferecer o apoio que Mabel tanto precisa. Assim como seu nome sugere significado de "amável" ou "amada". Este nome evoca uma imagem de doçura e gentileza, características que podem ser vistas em como Mabel interage com o

mundo ao seu redor. Mesmo em situações adversas, a essência de Mabel é de amor e cuidado, refletindo a importância das conexões humanas e do afeto em sua vida.

Essas questões relacionais se intensificam e Mabel encarna o dilema do luto - a necessidade de enfrentar a dor enquanto busca por renovação e esperança. Sua jornada é repleta de momentos íntimos que refletem o desejo humano universal de ser visto, compreendido e, por que não, amado? A relação entre Mabel e Fergusson, portanto, não é apenas um ato de resgate físico, mas uma exploração emocional que revela o desejo inerente de ser cuidada e amada.”

2.2 "The Last of Us"

The Last of Us ou TLOU como é conhecido, é uma obra organizada cronologicamente por ordem de lançamento, temos: *The Last of Us* part I (jogo) (2013); *The Last of Us: American Dreams* (HQ) (2017); *The Last of Us Part II* (jogo) (2020) e *The Last of Us* (série de TV da HBO) (nosso foco).

O jogo desenvolvido pela Naughty Dog e criado por Neil Druckmann, que também está envolvido no processo criativo da HQ, uma prequela⁴ que aprofunda a história de Ellie. Posteriormente inspirou o conteúdo extra do primeiro jogo que inclui justamente o episódio. TLOU rapidamente se tornou um clássico, elogiado por sua narrativa envolvente e seus personagens complexos. A história segue Joel e Ellie enquanto enfrentam desafios que testam não apenas suas habilidades de sobrevivência, mas também suas capacidades emocionais de lidar com a perda. (Hicks, 2013; Mazin & Druckmann, 2023; Metz, 2023).

A série não apenas adapta os eventos do primeiro jogo, mas também expande a história e o desenvolvimento dos personagens, oferecendo uma nova perspectiva sobre temas como amor, perda e a luta pela sobrevivência em um mundo hostil. Nos episódios 7 e 8, essa abordagem profunda e emocional é particularmente evidente, permitindo que tanto os fãs do jogo quanto novos espectadores se conectem com o universo de “*The Last of Us*” de maneiras significativas. Especialmente Ellie que como o próprio nome sugere, em sua forma diminutiva de Eleanor, Ellen, Elena, Elizabeth, entre outros, carrega o significado de “Deus é a minha luz” ou “a mais bela mulher”.

Este significado é profundamente simbólico quando consideramos as ações de Ellie. Ao enfrentar David e buscar proteger Joel, Ellie se torna uma luz em meio à escuridão, ela seria a cura

⁴ Uma prequela, ou "prequel" em inglês, é uma obra literária, cinematográfica ou de outra forma narrativa que se passa antes dos eventos de uma obra já existente. Essa forma de narrativa é utilizada para explorar o contexto, a origem de personagens, ou eventos que levam à história contada na obra original. Para mais informações, veja: Todorov, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975; Bordwell, David e Thompson, Kristin. *Film Art: An Introduction*. New York: McGraw-Hill, 2010; Cawelti, John G. *Adventure, Mystery, and Romance: Formula Stories as Art and Popular Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

ela tem a imunidade uma figura de esperança e resiliência. Sua luta para sobreviver e proteger aqueles que ama reflete a força e a beleza interior que seu nome sugere. Ellie não apenas sobrevive, mas também ilumina o caminho para os outros, mostrando que mesmo nas circunstâncias mais sombrias, a luz da humanidade pode prevalecer. O episódio 7 traz as origens da personagem, uma construção adaptada tanto do conteúdo adicional e da HQ *American Dreams*.

Assim ao investigar as experiências de perda e luto vividas por Ellie, e Mabel, este estudo se propõe a identificar as semelhanças e diferenças em suas trajetórias emocionais, proporcionando um entendimento mais profundo sobre como essas experiências moldam suas identidades e ações.

3. Aspectos do Luto Traumático

No senso comum, o luto é frequentemente associado à perda, sendo entendido como um processo que envolve tristeza. As pessoas acreditam que o luto deve seguir um certo padrão ou cronologia estigmatizada em relação à maneira como cada indivíduo lida com a perda. O trauma é muitas vezes tratado de forma simplificada, como se as relações universais fossem facilmente compreensíveis.

Para compreender as experiências individuais relacionadas ao luto, é necessário apoiar-se em estudiosos da psicanálise, que investigam a mente humana e seus processos inconscientes⁵. Freud⁶ (1915) argumenta que os afetos e sentimentos são processos de descarga, cuja manifestação final é percebida como sensações. Emoções como felicidade, tristeza e raiva resultam de processos inconscientes que se manifestam nos desejos do corpo, impulsionados por pulsões⁷ que “[...] como conceito fundamental, a pulsão é definida em alguns momentos como o representante psíquico de impulsos somáticos e é tida como o conceito limítrofe entre essas duas instâncias: o psíquico e o somático (Gonçalves & Ribeiro, 2024, p. 10).

A concepção do afeto, que transita do registro neurológico para o registro psicológico, é fundamental para entender essas transformações de impulsos. A pulsão, como força biológica, se manifesta no corpo (registro neurológico), mas é experimentada como afeto (registro psicológico) (Kaufmann, 1996, p. 13). Esses registros e representações da consciência podem produzir satisfação ou sofrimento. Por exemplo, a fome é um impulso que surge no corpo através de sinais fisiológicos, como a sensação de vazio no estômago e a produção de hormônios. O afeto não é, portanto, um

5 Os processos inconscientes, ou núcleo do inconsciente em representantes pulsionais que procuram descarregar sua catexia; isto é, consiste em impulsos carregados de desejo” (Freud, [1915]1980:213).

6 Segundo Freud, referem-se a aspectos da mente que não estão acessíveis à consciência, mas que influenciam o comportamento e as emoções. Freud argumenta que a consciência é apenas uma parte da mente, enquanto a maior parte dos processos psíquicos ocorre no inconsciente.

7 As pulsões são forças motivadoras fundamentais que impulsionam o comportamento humano. Freud distingue entre a pulsão de vida (Eros), que busca a criação e a preservação, e a pulsão de morte (Thanatos), que representa a tendência ao retorno ao estado inorgânico” (Freud, 1920).

simples reflexo da pulsão, mas uma experiência subjetiva construída a partir da interação entre pulsões e representações (Freud, 1915, p. 120). Assim, a experiência do afeto não é simplesmente uma resposta direta ao estímulo, (pulso) mas também uma construção complexa que inclui a representação mental do estímulo que também poderia ser vista como um impulso psicossomático.

A partir dessa concepção de afeto, podemos entender como a memória e o trauma no contexto do luto. Quando uma pessoa sofre uma perda, como a morte de um ente querido, não está apenas lidando com a ausência física dessa pessoa, mas também com um complexo conjunto de memórias e emoções que foram construídas ao longo do tempo. Essas memórias são moldadas por experiências passadas e podem ser influenciadas por traumas anteriores.

O luto, portanto, é uma experiência que envolve tanto a pulsão de buscar conforto e conexão (uma resposta biológica à perda) quanto às representações mentais que evocam lembranças da pessoa falecida. Quando o indivíduo recorda momentos felizes ou significativos compartilhados com essa pessoa, pode experimentar um afeto positivo. No entanto, se houver traumas associados a essas memórias – como lembranças de conflitos mal resolvidos ou experiências dolorosas – o afeto pode rapidamente se transformar em dor e sofrimento.

A memória, nesse sentido, atua como um mediador entre a pulsão e o afeto. As experiências traumáticas podem distorcer as representações mentais que alguém tem de sua relação com o falecido. Isso significa que o luto não é apenas um processo linear de aceitar a perda; é um entrelaçamento de emoções complexas onde o passado se infiltra no presente. A presença de traumas não resolvidos pode exacerbar sentimentos de culpa ou arrependimento, dificultando ainda mais o processo de aceitação.

Além disso, a forma como as memórias são evocadas durante o luto pode ser influenciada por gatilhos emocionais. Por exemplo, ao ver um objeto pertencente ao falecido ou ouvir uma música que remete a momentos compartilhados, a pessoa pode reviver tanto os bons momentos quanto os traumas associados à perda. Isso gera uma experiência psicossomática⁸ intensa, onde o corpo responde fisicamente às emoções evocadas pelas memórias.

Portanto, compreender essa relação entre memória, trauma e luto nos permite perceber que cada indivíduo vivencia a perda de maneira única. Essa singularidade é moldada por suas experiências passadas e pela forma como essas experiências influenciam suas reações emocionais no presente. Reconhecer essa complexidade e trabalhar através das camadas emocionais que surgem dessa intersecção entre passado e presente.

⁸ Sigmund Freud, em suas obras, aborda a interconexão entre a mente e o corpo, sugerindo que conflitos psicológicos podem se manifestar em sintomas físicos. Ele argumenta que as experiências psicossomáticas são resultados de processos inconscientes, onde emoções reprimidas e conflitos internos podem se manifestar como doenças físicas. Para uma análise mais profunda, consulte: Freud, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996; Freud. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; e Freud, Sigmund. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

Segundo Huyssen (2014), trazer o passado ao presente de forma consciente e integrada é essencial para lidar com traumas. No entanto, o trauma interrompe esse processo, deixando a cena traumática fora do alcance da memória consciente⁹. Conforme Ricœur (1994), o trabalho de memória envolve a construção de uma narrativa coerente sobre o passado. Porém, o trauma fragmenta essa memória, tornando difícil a compreensão e elaboração da experiência traumática. Herman (2015) afirma que o trauma gera uma ferida na psique¹⁰, que não pode ser totalmente elaborada, e que o luto não resolvido pode se transformar em um estado traumático, resultando em feridas emocionais complexas.

Cathy Caruth (1996) discute a natureza do trauma e sua representação, enfatizando que a experiência traumática não é apenas um evento isolado, mas uma presença contínua na vida do indivíduo, como Freud, afirma que o trauma pode se manifestar através de mecanismos como *os flashbacks*¹¹ que são uma forma de re-experiência do trauma, onde o indivíduo revive involuntariamente o evento traumático, tornando-o uma presença contínua e perturbadora em sua vida” (Caruth 1996). Esses não apenas revivem a dor emocional associada ao trauma, mas também dificultam a capacidade do indivíduo de integrar essas memórias em sua narrativa pessoal. Dessa forma, Caruth elucida como a memória do trauma pode ser fragmentada e como isso impacta a maneira como as pessoas lidam com suas experiências de luto e perda. Os mecanismos de defesa, como a repressão¹², a negação¹³ e a projeção¹⁴ desempenham um papel crucial na forma como lidamos com o luto. A repressão remove pensamentos dolorosos da consciência, enquanto a negação envolve a recusa em aceitar a realidade da perda.

A projeção, por sua vez, consiste em atribuir a outra pessoa sentimentos que a pessoa não aceita em si mesma, como a raiva que alguém sente por si. Esse mecanismo de defesa ocorre de

9 Memória consciente refere-se à capacidade de formar uma narrativa coerente e integrada sobre o passado, permitindo a recordação e compreensão das experiências vividas.

10 Psique é definida como a totalidade das funções mentais e emocionais, composta pelo id (impulsos instintivos), ego (mediador racional) e superego (valores morais).

11 Os flashbacks são uma forma de reexperienciar o trauma, em que o indivíduo revive involuntariamente o acontecimento traumático, tornando-o uma presença contínua e perturbadora na sua vida.” tradução nossa. No original Flashbacks are a form of reexperiencing trauma, where the individual involuntarily relives the traumatic event, making it a continuous and disturbing presence in their life.” (Caruth, C. Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History, 1996).

12 Outro mecanismo de defesa psíquico descrito por Freud, que envolve a recusa em aceitar a realidade de uma situação dolorosa ou ameaçadora, evita o sofrimento emocional associado à aceitação da perda ou do trauma, levando a ignorar ou distorcer a realidade. A negação pode ser uma resposta temporária e adaptativa, mas, se persistir, pode dificultar o processo de luto e a elaboração emocional (Freud, 1996).

13 Mecanismo de defesa que consiste na exclusão de pensamentos, sentimentos ou memórias dolorosas da consciência. Esse processo ocorre de forma inconsciente e visa proteger o indivíduo de experiências emocionais que podem ser excessivamente ameaçadoras ou perturbadoras. Embora a repressão possa ajudar a manter o equilíbrio emocional em situações de estresse, ela também pode levar ao surgimento de sintomas psicológicos e à dificuldade em lidar com questões não resolvidas (Freud, 1996).

14 Também é um mecanismo de defesa psíquico descrito por Freud, no qual o indivíduo atribui a outra pessoa seus próprios sentimentos, pensamentos ou impulsos inaceitáveis. Esse processo ocorre de forma inconsciente e permite que a pessoa evite a dor emocional associada a esses sentimentos, ao invés de reconhecê-los em si mesma. A projeção pode interferir nas relações interpessoais e dificultar a auto aceitação (Freud, 1996).

maneira inconsciente e ajuda o indivíduo a evitar a dor emocional associada a esses sentimentos. Ao projetar suas emoções nos outros, a pessoa distorce a realidade das relações interpessoais e dificulta sua autoaceitação, frequentemente resultando em conflitos e mal-entendidos. Após discutir os mecanismos de defesa, é importante considerar como esses processos podem se relacionar com condições mais complexas, como a neurose e a psicose. A neurose muitas vezes se manifesta em sintomas que refletem conflitos internos não resolvidos, nos quais os mecanismos de defesa operam para proteger o indivíduo do sofrimento emocional. Por outro lado, na psicose, há uma ruptura mais significativa com a realidade, frequentemente associada à incapacidade de utilizar adequadamente esses mecanismos de defesa.

A neurose e a psicose podem surgir como respostas adaptativas, embora disfuncionais, ao luto. Freud define a neurose como um conflito psíquico que se manifesta por meio de sofrimento emocional e sintomas físicos, como ansiedade e lapsos de fala. Por outro lado, a psicose envolve uma ruptura da relação com a realidade, resultando em delírios e alucinações. Enquanto a neurose pode levar o indivíduo a um ciclo de preocupação e dificuldade na aceitação da perda, a psicose provoca uma desconexão profunda da realidade, onde a dor se torna tão intensa que a mente busca criar uma nova narrativa para sobreviver.

Esse cenário se conecta diretamente à teoria do objeto perdido, que já foi exemplificada anteriormente como situações ou objetos físicos que remontam memórias do falecido o sobrevivente enfrenta uma reconfiguração interna que pode ser tumultuada

Os processos emocionais que permeiam o luto, à luz da teoria psicanalítica de Freud, abrangem não apenas a experiência da morte, mas também diversas formas de perda, como separações, mudanças significativas e a perda de saúde ou financeira. Nesse contexto, a relação com o objeto perdido é central, pois envolve a reavaliação dos vínculos emocionais, permitindo ao indivíduo confrontar e processar sua dor. Além disso, a transferência¹⁵, por sua vez, permite que sentimentos relacionados à perda sejam projetados em outras pessoas, facilitando a re-experiência emocional e o processamento da dor. Essa projeção facilita a re-experiência emocional e o processamento do luto, ajudando o indivíduo a lidar com as complexidades da perda e a encontrar novos significados em suas relações.

Na teoria psicanalítica, a relação com o objeto perdido não se limita apenas à dor da perda; ela também envolve um complexo processo de identificação e transferência. Quando uma pessoa perde alguém ou algo significativo, pode acabar introjetando características desse objeto perdido em si mesma. Esse fenômeno se refere ao processo pelo qual a pessoa internaliza aspectos, traços ou qualidades do ente querido ou do que foi perdido, adotando comportamentos e maneiras de ser que remetem a essa figura significativa.

15 Um fenômeno psicológico em que o paciente projeta sentimentos, desejos e expectativas vividos em relacionamentos significativos sobre o analista durante o tratamento psicanalítico.

Essa internalização não é apenas uma maneira de lidar com a dor; serve como um mecanismo de defesa que ajuda o indivíduo a sentir que ainda tem uma conexão com o que foi perdido. Assim, ao incorporar essas características em sua própria identidade, o indivíduo pode encontrar conforto e facilitar o processo de luto.

Essa dinâmica é observável não apenas nas experiências de luto, mas também nas relações familiares e nas interações sociais cotidianas. Assim, ao direcionar emoções ligadas à perda para novas figuras em sua vida, o indivíduo pode reexperimentar e processar sua dor de maneira mais saudável e construtiva.

Assim, transferimos nosso foco para a *mise-en-scène* das obras, onde o cinema e o teatro desempenham um papel fundamental na construção de ambientes que refletem a mente dos personagens. Através da escolha de cores, iluminação e disposição dos elementos em cena, os diretores conseguem transmitir estados emocionais complexos e influenciar profundamente a percepção do espectador.

4. *Mise-en-scène*: Ambientes e Elementos Visuais

A *mise-en-scène*, termo francês que significa “colocação em cena”, é um conceito essencial no cinema e no teatro, referindo-se à organização e apresentação dos elementos visuais dentro de uma cena. Este conceito abrange diversos componentes, incluindo cenários, iluminação, cores, enquadramentos e a disposição dos objetos e personagens. A seguir, exploramos como esses elementos contribuem para a construção de ambientes cinematográficos.

As cores, desempenham um papel crucial na criação de atmosferas e na transmissão de emoções. Elas podem ser usadas para simbolizar estados emocionais, destacar elementos importantes ou criar contrastes visuais. Por exemplo, tons quentes como vermelho e laranja podem evocar sentimentos de paixão ou perigo, enquanto tons frios como azul e verde podem sugerir calma ou tristeza. A paleta de cores de um filme é cuidadosamente escolhida para reforçar a narrativa e a estética visual (Bordwell & Thompson, 2008).

A iluminação é um dos elementos mais versáteis da *mise-en-scène*. A direção da iluminação pode influenciar a percepção do espectador sobre uma cena. A iluminação frontal tende a eliminar sombras, criando uma aparência mais plana e uniforme, enquanto a iluminação lateral pode acentuar texturas e formas, adicionando profundidade. A iluminação de fundo (contraluz) pode criar silhuetas dramáticas, e a iluminação de baixo para cima pode conferir um aspecto sinistro ou misterioso (Oliveira Junior, 2013).

O ponto de fuga é uma técnica de composição que guia o olhar do espectador para um ponto específico na tela, criando uma profundidade e perspectiva. Ele é frequentemente usado para dirigir

a atenção para um elemento crucial da narrativa ou para criar uma ilusão de espaço tridimensional em uma tela bidimensional. A utilização eficaz do ponto de fuga pode aumentar a imersão do espectador na cena (Bordwell & Thompson, 2008).

Os diferentes tipos de planos (aberto, fechado, de localização) são essenciais para a construção da narrativa visual. O plano aberto é utilizado para estabelecer o contexto de uma cena, mostrando o ambiente em que a ação ocorre. Ele fornece uma visão ampla do cenário e pode situar os personagens dentro desse espaço. O plano fechado foca em detalhes específicos, como expressões faciais ou objetos importantes, permitindo uma conexão mais íntima com os personagens ou elementos da cena. O plano de localização é similar ao plano aberto, mas com ênfase em situar a ação em um local específico, muitas vezes usado para transições entre cenas ou para introduzir novos ambientes. O plano geral mostra uma visão ampla do cenário, diminuindo a presença do personagem em relação ao ambiente.

Ele é usado para enfatizar a grandiosidade do cenário ou para situar o personagem em um contexto maior, muitas vezes criando uma sensação de isolamento ou insignificância (Domestika, 2023). O *foreshadowing* é uma técnica narrativa que antecipa eventos futuros na história, criando expectativas e aumentando a tensão. Na *mise-en-scène*, isso pode ser realizado através de pistas visuais sutis, como a presença de objetos simbólicos, mudanças na iluminação ou cores que prenunciam acontecimentos futuros. Essa técnica enriquece a narrativa, proporcionando uma camada adicional de significado e engajamento para o espectador (Bordwell & Thompson, 2008).

5. Entre Cenários e Emoções

A obra de Lawrence possui um narrador heterodiegético-auctorial,¹⁶ ou seja, um narrador que sabe tudo, comenta, explicitamente explica a ação. O narrador começa o conto com a descrição dos irmãos sentados à mesa, tristes, sem assunto e ao mesmo tempo descrever a casa como também sendo um lugar triste e sombrio naquele momento, pode ser interpretado como resultado da ausência que a mulher faz na casa. Podemos interpretá-la como o porto seguro de todos. O estado de isolamento e desconexão de Mabel, reflete esta insegurança, evidenciados na passagem “[...] Eles falavam e falavam à sua volta há tantos anos que ela dificilmente os ouvia” (Lawrence *et al*, 1996, p. 10), reflete sua luta interna com o luto, enquanto a atmosfera opressiva da casa, descrita como “a própria sala de jantar, com sua mobília de mogno pesada e sombria, parecia estar esperando para ser posta de lado” (Lawrence 1996, p. 7), podendo simbolizar sua dificuldade

¹⁶ É um tipo de narrador que não participa da história que narra, mas possui conhecimento total e objetivo sobre os eventos e personagens. Esse narrador geralmente utiliza a terceira pessoa e oferece uma visão externa e abrangente da narrativa. Genette (1980) descreve o narrador heterodiegético-auctorial como aquele que não é parte da história e possui uma visão onisciente sobre os eventos e personagens.

em aceitar a nova realidade sem seu pai. Essa conexão entre memória e negação - que é o primeiro estágio do luto - revela como Mabel se sente presa a um passado que não pode mais ser recuperado, dificultando sua busca por um lugar significativo no mundo. Acontece porque é uma notícia abrupta e sem preparação, e o isolamento seria a consequência comum. Para melhor explicar, segue a explicação de Ross:

“A negação, ou pelo menos a negação parcial, é usada por quase todos os pacientes, ou nos primeiros estágios da doença ou logo após a constatação, ou, às vezes, numa fase posterior. Há quem diga: "Não podemos olhar para o sol o tempo todo, não podemos encarar a morte o tempo todo." Esses pacientes podem considerar a possibilidade da própria morte durante um certo tempo, mas precisam deixar de lado tal pensamento para lutar pela vida” (Ross, 2024, p. 52).

Isso explicaria o caso de Mabel. A jovem que continua a enfrentar a indiferença de seus irmãos, que a tratam como uma “escrava” ou “enfermeira estagiária”. A obrigação de ir “parar com Lucy” nos revela também sua luta interna entre a necessidade de se afastar de relações tóxicas e a nostalgia por tempos em que sua família era unida. A desintegração do seu lugar identitário após a morte do pai, com a partida dos criados e o desaparecimento dos cavalos, simboliza não apenas uma perda material, mas também uma ruptura na estrutura familiar que sustentava essa identidade. Essa conexão entre a projeção e a desintegração das relações familiares destaca como Mabel se vê imersa em um ciclo de dor e saudade, dificultando sua capacidade de encontrar um novo sentido para sua vida. Ela vivia na memória de sua mãe, e sentia que seu lugar agora era com a única pessoa que “realmente a amou”; aqui podemos associar à teoria do Luto e Melancolia de Freud. A perda resulta em uma autoimagem diminuída e sentimentos de inutilidade da estrutura familiar, que reforça seu sentido de pertencimento. Ela se apega à mãe ao se aproximar do túmulo, Mabel experimenta uma sensação de segurança e “imunidade ao mundo”, como se estivesse em contato direto com sua mãe. Para ela, a vida no mundo não era tão real quanto o mundo da morte, onde estava em segurança, naquilo que era previsível. O que a leva à tentativa de suicídio. Então ela zelava o ambiente.

“Podou cuidadosamente a grama da sepultura e arrumou os pequenos crisântemos branco-rosados na cruz de latão. Em seguida, pegou um jarro de um túmulo ao lado, trouxe água e, com todo o cuidado e escrúpulo, passou a esponja limpando a lápide de mármore “p.18-19 (Lawrence 1996, p. 18-19).

Nesse contexto, o verde da grama representa um sentimento de esperança, (Heller, 2013) em seu sentido positivo, e de estagnação e isolamento seu sentido negativo assim como doenças ou inveja (Heller, 2013).

Esse ritual se torna um momento de reflexão e conexão, onde Mabel pode expressar sua dor e cultivar a memória de sua mãe, evidenciando a importância do passado em sua vida emocional. Ao zelar pela última morada da mãe, ela poderia estar se preparando para sua própria última

morada.

Já na narrativa seriada *The Last of Us*, Ellie não tem família nem irmãos. No episódio 7, que explora seu passado, através de um *flashback* nos é revelado mais sobre sua vida antes dos eventos principais. Ellie, interpretada por Bella Ramsey, é mostrada como uma garota rebelde dentro das zonas de quarentena protegidas pela FEDRA¹⁷. A única lembrança de sua mãe é que ela morreu durante o parto, sabe-se disso porque é possível encontrar uma carta escrita por sua mãe durante a Jogatina de TLOU I, o que não é um elemento que perpassa para a série. Em vez disso, o episódio foca na relação entre Ellie e sua amiga Riley, explorando seu passado e os eventos que moldaram sua personalidade. O sétimo episódio mostra Ellie e Riley passando uma última noite juntas em um shopping abandonado, onde elas se divertem e compartilham momentos importantes. Esse episódio é crucial para entender a solidão de Ellie e a importância das conexões que ela forma ao longo de sua jornada e que moldaram-na.

Figura 1 - Vínculo com Riley



Fonte: printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

No episódio 7, Ellie estreia seus vínculos a partir de um carrossel num shopping abandonado, elemento que remete a infância deixada de lado. Assim como Mabel, que mantém-se conectada à memória de sua mãe, falecida quando ela tinha apenas quatorze anos, e com quem tinha uma profunda ligação emocional, já mencionada. Essa busca por conexão reflete a teoria do objeto perdido, a qual Mabel tenta lidar com sua dor e solidão preenchendo o vazio deixado pela ausência materna. O cavalo, para Mabel, simboliza a figura do pai e sua perda, é paralela à perda das terras e dos últimos cavalos da família. Em "*The Horse Dealer's Daughter*", a família de Mabel é representada através de personificações animais: seus irmãos são comparados a cavalos selvagens que partem em busca de novas vidas, distanciando-se da família e dos laços que os uniam. Mabel,

¹⁷ FEDRA (Federal Disaster Response Agency) é uma organização governamental que controla as zonas de quarentena após o surto do fungo Cordyceps em "The Last of Us". Similar à HQ I das HQs, a FEDRA usa métodos autoritários para manter a ordem, muitas vezes abusando de seu poder.

por outro lado, “parecia taciturna. Ela não levava o mesmo tipo de vida de seus irmãos. Seria mais bonita, se não fosse pela fixidez impassível de seu rosto, "cara de buldogue", como diziam seus irmãos.” (Castilho *et al*, 1996, p. 7). Essa representação sublinha a desintegração da unidade familiar e o sentimento de abandono que Mabel enfrenta após a morte do pai.

Segundo Winnicott (1985), para um desenvolvimento emocional saudável, o bebê precisa separar o “não-eu” em simbiose com a mãe para começar a constituir o seu “eu”. Esse processo é facilitado pelo reconhecimento de um ambiente favorável, que atende às suas demandas dentro de uma esfera de confiabilidade. No entanto, as protagonistas não tiveram essa base estável, pois a morte de suas mães ocorreu em uma fase crítica de seu desenvolvimento emocional. A ausência da figura materna nesse momento crucial contribui para suas dificuldades em lidar com a dor da perda e a solidão que a acompanha. Assim, o vínculo que Mabel tenta restabelecer com a memória da mãe não é apenas uma busca por amor perdido, mas também uma tentativa desesperada de encontrar um sentido e um lugar seguro em meio à sua angústia existencial.

Os ambientes e descrições presentes nos dois objetos de análise também podem representar o emocional dessas personagens. O lago de Lawrence, para a Jovem Mabel, descrito como "turvo", reflete também a sua luta interna. Este espaço representa tanto a entrega à dor quanto a busca por alívio, evidenciando um processo de rememoração, onde Mabel confronta memórias confusas e dolorosas de sua vida.

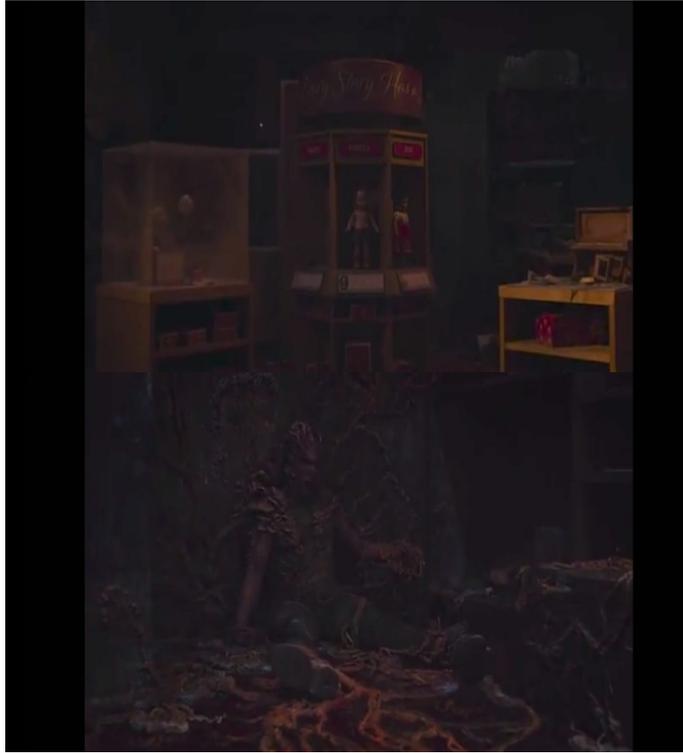
A água, segundo Hall (1994), é “o elemento primordial do qual tudo foi criado, é um símbolo arcaico do útero e da fertilidade; também purificação e renascimento. Purificação simbólica, lavagem, era uma preliminar necessária para garantir que os rituais subsequentes fossem eficazes. Seu significado foi estendido no rito do batismo, praticado por muitos povos. O mais antigo mito grego da criação associa a água primordial a uma Deusa-Mãe. No princípio, Eurínome, a deusa de todas as coisas, levantou-se nua do Caos, mas não encontrou nada substancial para apoiar os pés e, portanto, dividiu o mar do céu. O mito é provavelmente um eco da religião matriarcal dos habitantes pré-históricos da Grécia, os Pelasgos (cujo nome significa 'água')”. (tradução nossa¹⁸). Essa água evoca também sentimentos de medo e incerteza, porque a água não está pura, podem ser analisadas através da psicologia das cores, pois tons escuros frequentemente evocam tristeza e introspecção, intensificando o estado emocional de Mabel.

Para Ellie, no episódio 7 vemos o shopping abandonado que pode refletir seu lado criança perdido naquele contexto apocalíptico, misturando alegria e tristeza junto com sua amiga. As luzes de neon e as cores vibrantes contrastam com a escuridão e a desolação do mundo exterior, simbolizando a luta interna de Ellie entre a esperança e a perda. A atmosfera do shopping, com suas áreas sombrias e abandonadas, pode ser vista como um reflexo das memórias dolorosas e confusas

18 Trecho retirado e traduzido do dictionary illustrated of symbols 1st edition.

de Ellie, similar às águas turvas do lago de Lawrence.

Figura 2 – Bonecas e infectado



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

A loja em chamas no shopping reflete bem essa ambiguidade da infância que teve que ser guardada para dar lugar ao amadurecimento precoce. Em contraste, aqui é onde enfrentam o primeiro infectado, representando um perigo inédito que se fará presente a partir de agora, uma ruptura de realidade. Aqueles brinquedos guardados ao fundo são duas bonecas, sendo uma negra e uma branca. Essas bonecas vêm acompanhadas com a seguinte frase: Toda história tem um fim¹⁹ (tradução nossa), o que seria um *foreshadowing* para o que vai acontecer com a Ellie e Riley.

Se Lawrence nos dá água com o lago, no episódio 8 temos a neve. A neve, por ser característica de baixas temperaturas, transmite as sensações de solidão e distância, associados à frieza das cores, à partir do branco, cor da” inocência e do sacrifício, do luto, da ressurreição. O branco é feminino, é nobre, mas é fraco. Suas cores simbólicas contrárias são o preto e o vermelho, as cores do poder e da força. Sua cor contrária psicológica é sobretudo o marrom. Não existe nenhum acorde cromático em que o marrom figure ao lado do branco, pois nada pode ser ao mesmo tempo puro e sujo, nem leve e pesado. O branco é a cor do silencioso; “vazio”. [...] Álbum significa “branco” em latim, e um álbum é originalmente um livro branco, vazio, que será preenchido com fotos e recordações da pessoa. Em sentido figurado, o vazio se associa à ausência de sentimentos; o

¹⁹ “Every story has end” no original.

branco, ao lado do cinza, é a cor da ausência de sentimentos. Até o branco cintilante é frio, como cor.

O branco é também a cor do desconhecido (Heller, 2013), cor da distância pela perspectiva na arte, a solidão pelo sentimento presente em diversos países com temperaturas muito baixas, mas não são os únicos significados.

Figura 3 – Paisagem sob a neve



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

É interessante observar como a câmera nestas cenas de neve transmitem o sentimento do personagem. Além disso, Ellie não possui uma casa permanente, mas, ainda no episódio 8, temos uma cabana onde Ellie é capturada por David. Essa cabana é um ambiente opressivo e claustrofóbico, refletindo seu estado de medo e desespero. Apesar de inicialmente mostrar um plano aberto e claro, nesse caso não temos um significado positivo. A luta de Ellie para escapar e sobreviver simbolizará mais à frente sua batalha interna contra a perda e o trauma.

Figura 4 - Cena da cabana



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

Também vemos ao lado direito o cervo morto que Ellie teve que matar para conseguir ajuda e acaba encontrando David. O cervo pode ser visto como um símbolo de sacrifício e sobrevivência. Na Bíblia, animais são frequentemente usados como sacrifícios para expiação de pecados ou para prover sustento em tempos de necessidade. E como o próprio David também pode remeter ao

personagem bíblico que era um rei, um líder militar astuto e muitas vezes usava estratégias para conquistar inimigos, o que pode ser visto como manipulação em contextos de guerra. Na Bíblia suas relações onde ele orquestrou a morte de Urias, pode ser interpretada como uma manipulação moral e ética, buscando satisfazer seus desejos pessoais.

Davi unificou as tribos de Israel e consolidou o poder, usando alianças e manobras políticas que podem ser vistas como manipulativas. Assim no contexto exclusivo da série *David* era o líder do grupo, pode ser visto como uma figura messiânica distorcida, que usa a religião para “justificar” suas ações canibais e manipular seus seguidores. Uma representação que pode ser fascinante e perturbadora para o espectador, representação está, do que podemos encontrar na interseção entre poder, manipulação e psicopatia²⁰. Ele encarna características comuns em líderes carismáticos que, sob a superfície de sabedoria, escondem intenções sombrias e uma capacidade de manipular aqueles ao seu redor.

A dinâmica entre David e Ellie é especialmente interessante, pois revela a complexidade das relações de poder. David, como ex-professor de matemática, pode simbolizar o conhecimento e a lógica, mas após o apocalipse, ele distorce essa racionalidade em um culto à sobrevivência, utilizando a ideologia do Cordyceps (fungo real usado de forma fictícia na obra, é o agente causador da doença que transforma as pessoas em “zombies”) para justificar suas ações violentas e manipuladoras. Essa transição de um educador para um manipulador religioso é um exemplo claro de como circunstâncias extremas podem transformar as pessoas.

A maneira como ele utiliza o trauma de Ellie para tentar controlá-la é uma tática comum em manipuladores: ele se apresenta como uma figura de autoridade e proteção, enquanto simultaneamente a ameaça. Isso cria um ciclo vicioso onde a vítima se sente presa entre a necessidade de segurança e o desejo de se libertar.

Quando Ellie finalmente decide se opor a ele, isso representa não apenas uma resistência à manipulação, mas também uma afirmação de sua própria autonomia. O desespero de David em manter controle sobre ela, mesmo diante da rejeição dela, revela sua verdadeira natureza: alguém que não pode aceitar que outra pessoa tenha a coragem de agir por conta própria.

Assim, a cabana onde Ellie e David se enfrentam mais adiante pode simbolizar um lugar de provação e revelação, semelhante a como personagens bíblicos enfrentam testes em locais isolados.

Já Mabel Pervin tem uma casa que é descrita como uma construção que “carrega o peso de suas experiências”, é um “objeto emocional” que a liga às suas raízes familiares. Essa conexão ilustra a teoria do objeto perdido mostrando como os espaços que habitamos refletem não apenas o

²⁰ A psicopatia é frequentemente diagnosticada através de instrumentos como a Escala de Psicopatia de Hare, desenvolvida pelo psicólogo Robert Hare. É considerada um subtipo do transtorno de personalidade antissocial no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5).} é um transtorno de personalidade caracterizado por comportamentos e traços específicos, incluindo falta de empatia, manipulação, impulsividade, falta de remorso e comportamento antissocial.

que perdemos, mas também o que buscamos. A luta dela entre escapar e buscar renovação revela a dor associada à perda, enquanto as cores que permeiam esses ambientes ressaltam ainda mais seus sentimentos de melancolia e nostalgia.

As relações interpessoais desempenham um papel crucial na experiência de luto de Mabel e Ellie especialmente à luz da teoria do objeto perdido e da transferência. Suas interações com o Dr. Fergusson, no conto de Mabel que é salva do afogamento ao entrar na "água morta", simboliza uma possível redenção e a busca por amor em meio à dor. Fergusson, que arrisca sua vida para salvá-la, sente o "frio mortal" da lagoa e enfrenta seus próprios medos. Essa dinâmica revela como o amor e a compaixão podem surgir em momentos de desespero. Fergusson vê em Mabel uma chance de redimir suas próprias falhas, enquanto Mabel anseia por um vínculo significativo que a ajude a lidar com sua perda. No caso da Ellie a amizade e a referência masculina que sempre aparenta lhe faltar como a figura paterna. Ambos carregam o peso de suas histórias: Joel, com o luto pela morte de sua filha, encontra em Ellie uma nova oportunidade de cuidar e proteger, enquanto ela busca não apenas um mentor, mas alguém que possa preencher o vazio deixado pela ausência de figuras parentais.

Figura 5 – Abraço paternal



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

Essa dinâmica é intensificada pelo reflexo das experiências que cada uma vive; enquanto Ellie anseia por entender mais sobre amor e perda, Joel descobre a importância da proteção mútua em situações de perigo. No episódio 7 de "*The Last of Us*" Ellie mostrou bem quem era antes de conhecer Joel, especialmente em sua relação com a amiga Riley. A cena em que Riley é mordida por um infectado é intensa e emocional, servindo como um ponto de virada crucial para Ellie. Durante a visita ao shopping, a atmosfera muda rapidamente quando elas se deparam com um infectado. A luta que se segue não é apenas física, mas também emocional, pois Ellie precisa enfrentar o terror de perder alguém que ama. Este momento marcante não só aprofunda a conexão entre as duas personagens, mas também prepara o terreno para a jornada emocional de Ellie, que será fundamental em sua relação futura com Joel.

Quando Riley é mordida, a situação se torna ainda mais trágica e impactante para Ellie. Já acostumada a viver em um mundo pós-apocalíptico, Ellie compreende os perigos que a cercam, mas a mordida de Riley traz uma nova realidade devastadora: sua amiga não é imune à infecção como ela. Esse momento é crucial, pois representa a perda de uma conexão significativa e a desilusão de Ellie ao perceber que, mesmo em meio a um vínculo tão forte, a vida pode ser brutalmente interrompida.

A decisão de Ellie em "matar" Riley, embora não seja mostrada explicitamente na série, simboliza a aceitação dolorosa de que sua amiga está condenada e que não há como salvá-la. Esse ato, mesmo que não ocorra fisicamente, reflete um profundo momento de crescimento forçado para Ellie. Ela é confrontada com a dura realidade da perda e da impotência, o que a torna mais consciente da fragilidade da vida e do peso das escolhas que precisa fazer em um mundo implacável.

Essa experiência molda Ellie de maneiras significativas, levando-a a se tornar uma personagem mais complexa e resiliente. A dor da perda e a necessidade de tomar decisões difíceis a acompanham ao longo de sua jornada, influenciando suas interações e sua visão sobre a vida e a sobrevivência no mundo em que vive. Essa tragédia não apenas reforça a conexão emocional entre Ellie e Riley, mas também estabelece um tema central sobre amor, perda e a luta pela sobrevivência na narrativa de *"The Last of Us"*.

Esse trauma influencia na necessidade de agir em situações extremas, se refletem em seu relacionamento com Joel. A conexão emocional que Ellie estabelece com Joel é carregada do medo de perder outra pessoa importante, assim como perdeu Riley. A proteção que Ellie sente por Joel pode ser vista como uma projeção do que aconteceu com Riley; ela está disposta a lutar e sacrificar para proteger aqueles que ama, mesmo que isso implique em tomar decisões difíceis.

Essa dinâmica entre Ellie e Joel é complexa, pois ela se vê repetindo o ciclo de perda e proteção. Ao mesmo tempo em que Ellie aprende sobre sua própria imunidade, ela também se vê lidando com o peso emocional das consequências de suas ações, criando uma base sólida para sua relação com Joel. Nesse contexto, a transferência se manifesta quando ambas projetam suas necessidades emocionais e desejos de conexão, enquanto ele também reflete sobre suas próprias vulnerabilidades. Assim, a busca por conexão reflete seu desejo de preencher o vazio deixado pela dor da perda, evidenciando como as relações podem ser um caminho para a cura emocional.

Figura 6 – Aperto de mãos, começo e fim



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

Conforme a figura 6, em momentos diferentes do episódio 7 podemos ver essa projeção de comportamento espelhada pelo toque das mãos em dois momentos que a garota acha que vai perder os seus afetos.

No caso do conto, o cemitério onde Mabel se sente em contato com o "mundo da morte" que herdou de sua mãe, serve como um espaço de alívio e conexão, refletindo tanto uma neurose quanto uma possível psicose em sua experiência emocional. Enquanto a vida cotidiana a afasta dos outros, o cemitério oferece um refúgio onde ela pode expressar sua dor e buscar consolo, funcionando como um mecanismo de defesa para evitar a dura realidade da perda. Essa evitação pode gerar conflitos internos e ansiedade, característicos de uma neurose. No entanto, se a conexão de Mabel com esse ambiente sombrio se intensificar ao ponto de ela perder o contato com a realidade e isso poderia indicar uma ruptura mais significativa, aproximando-se da psicose.

Nesse contexto, o ato de limpar a lápide da mãe pode ser visto como um ritual de despedida que, em vez de proporcionar alívio, intensifica a dor emocional de Mabel. Esse momento pode simbolizar um ponto de ruptura com a realidade, onde a tristeza e o desespero tornam-se tão avassaladores que ela perde a capacidade de ver alternativas para sua vida. A limpeza da cova pode ter desencadeado uma crise existencial profunda, levando-a a sentir que o único escape seria o suicídio.

Assim, essa ação se torna um reflexo da sua luta interna, onde a necessidade de estar com sua mãe na morte supera seu desejo de viver na realidade. Essa transição revela uma complexidade emocional intensa, onde a linha entre o luto e a psicose se torna cada vez mais tênue.

Ellie, por sua vez luta, pela sobrevivência, mas podemos observar similaridades temáticas de perda, conexão com a morte e o impacto emocional que essas experiências têm sobre os personagens, refletindo tanto neurose quanto psicose em suas jornadas. No episódio 7, a relação de Ellie com a morte é muito presente.

A perda de Riley e a maneira como Ellie lida com essa dor podem ser vistas como um mecanismo de defesa. A alegria momentânea que as duas compartilham no shopping contrasta fortemente com o desespero que Ellie sente ao perceber que sua amiga está condenada. Essa dinâmica demonstra uma evitação da realidade: enquanto Ellie tenta aproveitar o momento, a sombra da perda está sempre presente. A conexão emocional dela com Riley e a dor da perda se tornam um espaço onde Ellie pode expressar sua vulnerabilidade.

Figura 7 – Plano de fuga e iluminação



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

Este espaço é muito bem representado pela iluminação que foca nas garotas e no plano de fuga que direciona o olhar para o meio para que o espectador veja o vazio da perda se materializar.

No episódio 8 Ellie enfrenta outro tipo de perda e desespero ao se encontrar em uma situação extrema com um grupo de sobreviventes liderado por David. Aqui, a luta pela sobrevivência se intensifica e Ellie deve lidar não apenas com a morte em um sentido literal, mas também com a traição e a manipulação emocional. A forma como ela se conecta (ou desconecta) dos outros, especialmente quando se trata de David, reflete uma luta interna. Sua necessidade de proteção e seu instinto de sobrevivência podem levar a comportamentos que se assemelham à neurose. Na sua relação com Riley, Ellie demonstra uma intensa angústia e frustração, resultando em comportamentos explosivos, como quebrar objetos ao seu redor, bem como as decisões impulsivas como o beijo, assim tenta controlar uma situação incontrolável.

Assim como Mabel no cemitério, Ellie é forçada a confrontar sua dor de maneira crua. O espaço onde ela busca consolo não é um cemitério físico, mas sim as memórias e os fantasmas do seu passado — especialmente a conexão profunda com Joel.

Assim, as narrativas nos mostram que o luto não é apenas um processo individual, mas uma experiência profundamente interligada ao ambiente e às relações que cultivamos. E não se resumem apenas a morte. Mabel, ao confrontar seu luto em ambientes que refletem sua dor e ao buscar conexão com Fergusson, inicia uma jornada de recomeço. Ao ser salva, ela sugere que, na verdade, não desejava ser resgatada. No final, a representação de Mabel por Lawrence destaca seu anseio e

desejo por amor, refletindo a ideia de que o feminino é frequentemente associado a uma sensação de falta, sugerindo que a realização plena só pode ser alcançada através da conexão com outra pessoa. Essa dinâmica ressalta como os desejos e anseios da personagem estão entrelaçados com a sua busca por completude posse e pertencimento.

“Quem me despiu? perguntou, com os olhos intensamente voltados ao rosto dele.

-Eu – replicou – para que você recuperasse os sentidos.

Por alguns instantes ela sentou e olhou-o de forma terrível, a boca aberta.

-Então você me ama? perguntou

Ele simplesmente ficou olhando para ela, fascinado. Sua alma parecia se derreter. Ela arrasou-se de joelhos e colocou os braços à volta das pernas dele que ficou parado enquanto ela pressionava seu peito contra seus joelhos e coxas, agarrando-o com uma estranha e convulsiva certeza, apertando suas coxas contra sua face, sua garganta e olhando-o com os olhos cintilantes e humildes, transfigurados, triunfante em sua primeira possessão” (Lawrence 1996, p. 27).

O trecho revela um diálogo intenso onde Mabel questiona o Fergusson sobre seus sentimentos. O ato de despir simboliza não apenas uma recuperação dos sentidos, mas também uma busca por conexão emocional. A jovem demonstrando vulnerabilidade, se ajoelha e segura as pernas dele, expressando um forte desejo de possessão e amor.

A intersecção entre o psicológico e o físico é evidente, mostrando como a condição emocional está entrelaçada com o ato físico. Além disso, a história de Mabel ilustra a luta constante por significado e amor em meio ao luto, ressaltando a universalidade dessa busca humana por conexão e compreensão. O gesto levanta questões sobre possessão e dependência emocional, tornando a narrativa poderosa e ressoante na exploração das complexas relações humanas e as consequências do desejo de controle e conexão.

Figura 8 – Dança das máscaras e sexualidade



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

Assim, a sexualidade de Ellie também é identidade e um ponto central em sua jornada. Sua relação com Riley representa uma descoberta intensa e juvenil que é abruptamente interrompida pela brutalidade do mundo pós-apocalíptico. Na interação do shopping (figura 8), o violeta, segundo Heller (2013), é uma cor inconformista e original, que, apesar de sua frieza, possui um efeito sonoro, especialmente quando combinado com o laranja, formando uma combinação que desafia convenções. Sendo a cor mais rara e menos natural na natureza.

Além disso, ainda segundo a autora o violeta simboliza a união do masculino e do feminino, sendo um ícone da homossexualidade. Historicamente, camisas lilás e foulards violetas eram sinais discretos de reconhecimento entre homossexuais em tempos de repressão.

O símbolo da mão violeta emergiu como um emblema do movimento de libertação gay nos Estados Unidos, especialmente após manifestações em 1969 contra artigos discriminatórios. As cores são percebidas como ambíguas e incertas, A cor violeta, com sua imprevisibilidade, muda de impressão conforme a luz. Também é ligada à ideia de mentira e infidelidade, sendo descrita elegantemente como “a hora violeta”, referindo-se aos crepúsculos tardios (Heller, 2013), talvez fazendo referência à amizade que naquele momento se misturava ao amor desconhecido como uma composição. Aqui o episódio vem falar muito sobre sensualidade a homossexualidade também obviamente reprimida, amor reprimido; essa sensualidade colocada na lingerie que não cabe mais nesse mundo que não faz mais sentido e o violeta numa sensualidade pecaminosa um acorde da

imortalidade da sedução e da sexualidade.

Para aprofundar a ideia de que Ellie é, de fato, "só uma garota", é essencial que a série mantenha essa característica viva. Isso permite que o espectador compreenda e aceite as possíveis inconseqüências de suas ações, tanto positivas quanto negativas. A complexidade de Ellie como personagem deve ser enfatizada, revelando suas fragilidades, inseguranças e a busca por identidade, características típicas da adolescência.

O ambiente do quarto de Ellie reflete profundamente sua personalidade e os conflitos que ela enfrenta. Assim como a casa e em especial a cozinha de Mabel, ao observarmos a descrição e a sombria para Mabel, escura e moveis pesados assim como a decoração, do quarto da jovem Ellie percebe-se que os pôsteres de suas bandas e artistas favoritos, embora envelhecidos e rasgados, não apenas evidenciam seu gosto musical, mas também se tornam uma forma de expressão de sua identidade. Esses elementos ajudam a construir um espaço que é, ao mesmo tempo, um refúgio e um espelho de suas emoções. Emoções estas que se fundem para Mabel a partir do cuidado com a cozinha, nos momentos de quase total invisibilidade ela simplesmente levanta da mesa e vai lavar utensílios domésticos como se quisesse higieniza-los tanto quanto a sua mente.

Figura 9 – Parede do quarto da Ellie



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

As fitas cassete que Ellie guarda têm um significado especial. Elas representam não apenas sua paixão pela música, mas também uma conexão emocional com momentos do passado. As canções que escolhe podem servir como um prenúncio das cenas no episódio 7, onde ela experimenta a liberdade e a alegria de dançar no shopping. As letras dessas músicas ressoam com suas inseguranças e anseios, refletindo suas lutas internas e o desejo de se sentir pertencente a um grupo. A Mabel por sua vez só sente esse pertencimento próximo a mãe no cemitério como já mencionado ou quando ela é “aceita” pelo medico assim como Ellie por Joel a partir disso elas tem suas vidas sobre rédeas outra vez,retomando seus lugares.

Figura 10 – Fitas cassete

Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

No lugar da Ellie, inicialmente a semiótica do quarto da garota, com elementos que evocam os anos 80 e 90, contribui para retratar uma jovem que está se perdendo em meio a um certo grau de imaturidade. A bagunça e as cores vibrantes, como o laranja presente na janela, trazem uma sensação de perigo, sugerindo que aquele não é um ambiente completamente afável, algo presente durante boa parte do episódio. Objetos que indicam seu gosto pela lua, suas experiências com Joel, e o sonho de ser astronauta também estão presentes, mantendo a continuidade com o que foi visto no jogo. Ambiente totalmente contrastante com os ambientes descritos por Lawrence, pesados, arrumados, turvos, escuros e solitários para uma mulher mais velha que tinha sua perspectiva de vida e morte questionada e respondida pelos próprios irmãos.

Figura 11 – Janela do quarto da Ellie

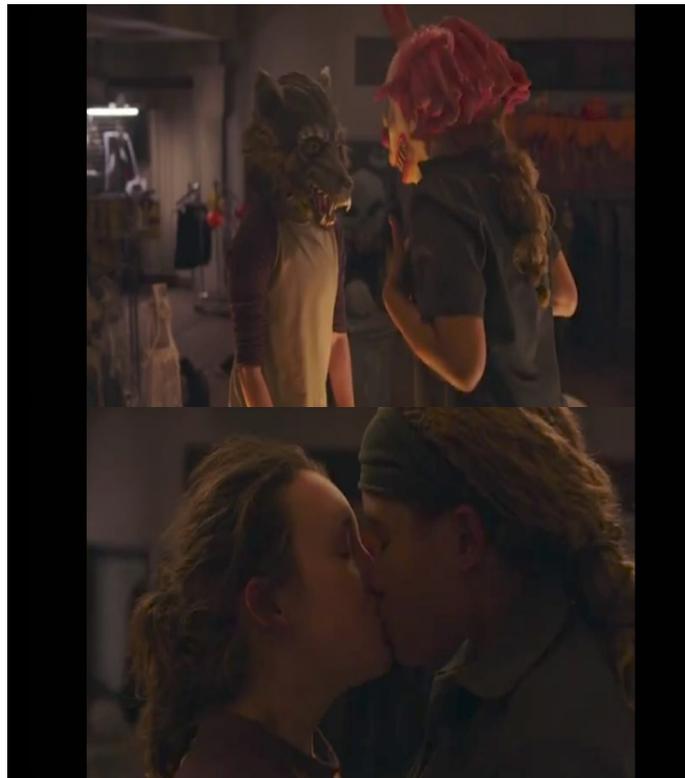
Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

Essa dualidade entre as duas, destaca a luta interna que, apesar de estar vivas, e no caso da Ellie possuir o potencial de salvar a humanidade, se vê confrontada com a perda e a culpa. E a Mabel que inicialmente não tem mais perspectiva de futuro, escolhe arriscar sem culpa porque a princípio ela não tinha a nosso ver perspectiva de relacionamento todo o acontecimento se torna um lamento melancólico, uma expressão de amor e saudade de sua mãe que se entrelaça com o

sentimento de desespero. Então temos duas sobreviventes em um mundo cruel, mas isso vem à custa de suas relações mais significativas.

A dinâmica entre Ellie e Riley se transforma de forma significativa. As "máscaras do proibido" são retiradas, simbolizando a libertação dos sentimentos que antes eram reprimidos. Assim como Mabel que ao ser salva por Fergusson é despida de suas roupas e mostra suas vulnerabilidades naquela sala vazia. Assim como o beijo que as amigas compartilham marca não apenas a culminação de um romance que estava se formando, mas também a aceitação de suas emoções.

Figura 12 – Máscaras e beijo



Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

A narrativa sugere que Ellie poderá retornar à sua antiga vida, especialmente quando ela junta forças para ajudar Joel. Esse ato de costurar a ferida aberta de Joel é um paralelo à forma como ela está também costurando seu próprio passado e lidando com a perda e a saudade que sente da amiga. Bem como quando Mabel sobe para seu quarto trocar de roupa para se embelezar para seu par, conforme acreditava e ali Lawrence termina o conto e deixa uma perspectiva de futuro através de uma simples troca de roupa.

Talvez essa seja uma forma de mostrar como essas experiências moldam suas decisões e ações no presente.

A experiência inicial de amor entre Ellie e Riley é fundamental para moldar as conexões

emocionais de Ellie, influenciando diretamente sua maneira de lidar com a dor da perda e seus relacionamentos futuros. Assim também acontece com Mabel moldada pelas experiências de tratamento negativo com seus irmãos, questionava-se e questionou o médico se era realmente amada, essas relações que elas compartilham oferece a ambas uma visão de amor e afeto que contrasta com o mundo pós guerra e apocalíptico ao seu redor. A morte de Riley representa a perda não apenas de uma possível primeira companheira, mas também do seu único modelo significativo de amor e apoio emocional. E sua ausência deixa um vazio difícil de preencher. Essa dinâmica é acentuada por elementos da narrativa, como o shopping, que simboliza um espaço de nostalgia e alegria, mas também de evolução bloqueada. O shopping, com suas grandes peças e atrações, representa um mundo onde Ellie poderia ter explorado sua identidade e sexualidade, mas que, devido às circunstâncias, nunca se concretizou.

A sexualidade de Ellie transcende o utilitarismo do shopping ela não é apenas uma questão de desejo físico, mas envolve uma busca por conexão emocional e significado. No entanto, essa busca frequentemente se torna um exercício em frustração e inutilidade, especialmente quando as relações são interrompidas pela perda e pela dor. Esses exageros emocionais podem levar Ellie a se sentir perdida, pois ela tenta entender seu lugar em um mundo que não oferece segurança ou estabilidade. Enquanto Mabel se quer sabemos se já tinha tentando se relacionar com outros homens, para além do amor fraterno distorcido de seus irmãos que não foram tão boas referências masculinas.

Assim, as narrativas exploram como essas experiências moldam a identidade das garotas suas relações futuras. Ao lidar com a dor da perda e a complexidade de sua sexualidade. A história de Mabel destaca sua luta entre desejo e repressão sexual, mostrando como as normas sociais e pressões culturais a impedem de expressar plenamente seu desejo. Sua relação com o médico reflete uma dinâmica de amor tácito e dependência emocional, com elementos de transferência e complexo de Édipo²¹. O suicídio é discutido como um ato de liberdade, contrastando com a tentativa do médico de trazê-la de volta à vida. A ressurreição de Mabel na história sugere uma renovação completa, com ela moldando o médico à sua imagem. A luta entre desejo e repressão destaca como os conflitos psíquicos moldam as relações interpessoais e a experiência emocional humana. Quando Fergusson resgata Mabel em *The Horse Dealer's Daughter*, a relação entre eles levanta questões morais e emocionais complexas. Para Mabel, esse resgate representa uma nova esperança, um vislumbre de cuidado em um mundo que a havia deixado à deriva. A experiência de ser salva por

21 O complexo de Édipo, segundo Freud, é um estágio no desenvolvimento psicosssexual da criança, onde ela sente um desejo inconsciente pela mãe e rivaliza com o pai. Esse conflito pode levar a sentimentos de ambivalência e culpa, moldando a dinâmica familiar e a formação da identidade. No caso de Mabel, sua ligação intensa com a memória da mãe e sua busca por conexão refletem uma luta interna que pode ser interpretada através dessa teoria, evidenciando suas dificuldades em lidar com a perda e a desintegração de sua identidade familiar, o que a leva a buscar um sentido de pertencimento em um mundo desolado.

alguém, especialmente em circunstâncias tão desesperadoras, provoca um despertar emocional profundo.

Mabel demonstra seu amor de uma forma intensa e quase desesperada, refletindo seu anseio por conexão e validação. Essa intensidade pode ser vista como uma reação à sua solidão e ao desespero de não ser amada, o que a leva a agir de maneira que pode parecer exagerada ou até "louca". Essa busca por amor, em um momento de vulnerabilidade, revela a fragilidade da condição humana e a profundidade dos sentimentos que podem surgir em situações extremas.

A relação entre Mabel e Fergusson, portanto, não é apenas um ato de resgate físico, mas uma exploração emocional que revela o desejo inerente de ser cuidada e amada. Essa dinâmica entre eles ilustra como a necessidade de afeto pode se manifestar de maneiras inesperadas, desafiando as normas sociais e as expectativas.

Assim, Mabel, ao se entregar a esse amor, mostra a complexidade de suas emoções e o quanto a busca por conexão é vital, mesmo em um contexto de dor e perda. Essa narrativa ressalta a luta interna de Mabel, que, ao mesmo tempo em que busca um espaço seguro, também enfrenta os fantasmas de sua própria solidão e rejeição.

Essa conexão entre Mabel e Fergusson, portanto, não só destaca a vulnerabilidade de Mabel, mas também enfatiza a importância do amor e do cuidado em um mundo que frequentemente parece indiferente. O conflito entre desejo e repressão na vida de Mabel destaca como os conflitos psíquicos podem moldar as relações interpessoais e a experiência emocional humana.

Enquanto no conto não nos é mostrada nenhuma intimidade nesse sentido, a única menção que fica subentendida que ela vai "trocar de roupa" para Fergusson e volta com um vestido como se já estivesse pronta para casar. Mas tudo acontece ao ar livre e na cozinha, e a cena mais sexualizada ocorre na sala. Podemos ver que ela é mais reprimida que Ellie, nessa atmosfera opressiva do mundo pós-apocalíptico a mantém presa a uma realidade insuportável, onde a luta pela sobrevivência é constantemente como se pode ver também no episódio 8 mais implicações na formação da personalidade de Ellie, especialmente em relação a David e sua influência como já mencionado. Neste cenário pós-apocalíptico, a luta pela sobrevivência se torna uma força motriz nas interações humanas.

O mundo devastado não apenas molda as ações dos personagens também suas moralidades e ética. A escassez de recursos e a constante ameaça de violência fazem com que os indivíduos se tornem mais primitivos em suas decisões. Ellie então percebe que precisa sair para caçar se os dois pretendem sobreviver.

É aí que o caminho entre estes dois núcleos se cruzam, porque Ellie consegue atirar em um cervo que cambaleia, se afasta, e é eventualmente encontrado por David e James. Introduções são feitas, e com Ellie se mostrando ameaçadora e imponente, convence uma troca: eles têm remédios, e

podem trocar por metade do animal que ela caçou. James vai buscar penicilina na cidade, enquanto Ellie senta e conversa com David sobre crença e apocalipse, e o líder religioso oferece à garota um lugar na comunidade.

David, como líder de um grupo que recorre e aborda questões profundas, incluindo temas religiosos. Uma referência importante é feita ao Versículo 13 do Capítulo 21 do livro do Apocalipse. Essa passagem bíblica mencionada acima é providencial porque David se coloca justamente como esse Messias para os seus, por isso que ele escolheu essa passagem. Ele criava frutos deles mesmos ao trazer Fartura através dos Mortos criavam sobrevida para os que foram e também para os que ficavam se alimentava deles assim como toda vida se alimenta da morte (não dos seus é importante frisar), mas ainda da morte.

David tenta enganar os outros, mostrando que ele se vê como um salvador em um mundo caótico. Isso destaca a forma como ele utiliza a religião para controlar e manter poder sobre seu grupo.

David representa a dualidade entre a esperança de um novo começo e a realidade do mal que ele perpetua. Ellie por outro lado representa uma forma diferente de esperança. Enquanto David usa a religião para justificar suas ações violentas, Ellie luta por sua própria sobrevivência e por aqueles que ama, simbolizando uma resistência à corrupção moral. A interação entre Ellie e David destaca o conflito entre o bem e o mal. Enquanto David tenta seduzi-la com uma visão distorcida de comunidade e pertencimento, Ellie rejeita essa ideia ao perceber as verdadeiras intenções dele. A experiência com David força Ellie a confrontar sua própria moralidade e os limites que esteve disposta a ultrapassar.

Figura 13 – Cena da refeição



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

No episódio 8 de "*The Last of Us*", David, uma figura quase messiânica, lidera os sobreviventes e oferece carne humana aos seus seguidores, revelando a brutalidade que acompanha a luta pela sobrevivência. A tragédia se aprofunda quando uma menina consome a carne do próprio pai sem saber, simbolizando uma perda brutal da inocência e a desconexão da realidade. Esse

cenário reflete o conceito de sacrifício involuntário, mostrando como o custo das escolhas extremas pode ser desumanizador.

O tilintar dos pratos durante a refeição cria um contraste perturbador entre a normalidade do ato de comer e a gravidade da situação, simbolizando a banalização do horror. Essa cena crítica à desumanização em tempos de crise encontra eco no luto e na desesperança sentidos pelos personagens.

A inversão da Santa Ceia, onde a refeição servida por David se torna um ato de divisão e horror em vez de união e amor, explora temas sobre moralidade, sacrifício e a essência da humanidade, enquanto os personagens lidam com a perda e a desolação.

Comparando com "*The Horse Dealer's Daughter*" de D.H. Lawrence, podemos imaginar Mabel em uma situação semelhante, consumindo a carne do próprio pai sem saber? Se Fergusson não casasse com ela como fica subentendido Isso simbolizaria uma perda ainda mais profunda da inocência e uma desconexão total da realidade, refletindo o luto e a desolação que ela já enfrenta. A casa em decadência de Mabel, assim como a refeição macabra de David, ou de Mabel com a própria mãe falecida que a faz atraída pela morte representaria a desumanização e a luta para encontrar um novo sentido em meio à desolação. Ambas as histórias mostram personagens que lidam com a perda de inocência e a luta para sobreviver e encontrar redenção em um mundo desolado diante da falta de opção assim como foi proferido o "Eu te amo" do Fergusson.

A interação de Ellie com David é crucial para sua evolução como personagem. Ao longo do episódio, ela é forçada a confrontar o que significa ser humana em um mundo sem regras. David representa uma figura que poderia ter sido um mentor ou protetor, mas se revela um predador. Tanto no sentido canibalista que o homem claramente é, como também a possibilidade do abuso sexual fica subentendida. Isso de que Ellie fosse abusada sexualmente aqui se não reagisse, aqui pulsões de vida e morte (Eros e Thanatos se misturam, tudo isso faz com que Ellie reavalie o que realmente significa confiar em alguém Porque está em um processo contínuo de luto pela perda de pessoas próximas. A experiência com David intensifica essas dores recorrentes. Em vez de se deixar levar pela manipulação de David, Ellie demonstra resiliência e força ao confrontá-lo. Essa luta final não é apenas uma batalha física, mas também uma afirmação de sua identidade e autonomia.

Figura 14 – Ellie encurralada



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

Ellie é capturada por David e, assim como Mabel, tem o seu momento animal, acuada e posta em cima de uma mesa onde possivelmente se faça processos do canibalismo, assim como Mabel que também poderia ter sua vulnerabilidade aproveitada pós tentativa de suicídio mas o médico não fez isso.

Ao derrotar David, Ellie não apenas se protege; ela também reafirma sua capacidade de resistir à desumanização que o apocalipse impõe sobre os indivíduos. Essa experiência molda ainda mais sua relação com Joel, pois ela entende melhor as complexidades da moralidade em um mundo caótico. Quando se dá conta Joel está abraçando-a. E assim se materializa mais um impacto na formação da identidade de Ellie. Através da influência negativa de David e do confronto com suas próprias experiências de perda, Ellie se torna mais forte e mais consciente dos perigos do mundo ao seu redor. Esse crescimento não apenas a prepara para os desafios futuros que enfrentará ao lado de Joel, mas também destaca a complexidade das relações humanas em tempos extremos. Ao final, a obra pode ser recebida pelo leitor como um convite à reflexão sobre a natureza do luto e suas manifestações.

Em alguns momentos a câmera pega o rosto da personagem de cima talvez para mensurar a superioridade física de dois homens em cima dela quando o Joel chega a salva e abraça a câmera fecha, como se nada mais fora daquele ângulo importasse além da segurança daquele abraço. Depois quando saem andando na neve depois da tensão superada os personagens ficam do tamanho normal. O que é diferente antes dele chegar quando ela ainda não foi capturada e está lidando com tudo sozinha:

Figura 15 – Plano de fuga amplo a pequena a personagem



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

Ellie parece pequena e desconfortável num plano muito aberto. Principalmente sozinha antes do David aparecer. Ele estava ali por trás das árvores e trailers um indicador de futuro que algo aconteceria. E agora já sabemos do que se trata.

Ao abordar a temática dos indícios presentes na narrativa cinematográfica, é crucial retornar ao início da obra para compreender o desfecho, considerando o plano de localização que, desde os primeiros momentos, já fornece pistas sobre os eventos futuros. Essa técnica, comum em produções que se destacam por suas sutilezas e nuances, revela a habilidade do cineasta em construir uma trama que se desenvolve nas entrelinhas.

A utilização de elementos visuais e contextuais no início do filme não apenas antecipa o desenrolar da história, mas também instiga o espectador a refletir sobre as relações entre causa e efeito dentro da narrativa. Assim, a análise desses indícios se torna fundamental para uma interpretação mais profunda da obra, permitindo que o público reconheça as conexões que permeiam toda a trama.

Dessa forma, ao examinarmos esses elementos iniciais com um olhar crítico, podemos identificar como eles contribuem para a construção do sentido e da tensão dramática ao longo do filme. Essa abordagem não só enriquece a experiência do espectador, mas também evidencia a complexidade da narrativa cinematográfica contemporânea.

Figura 16 – Cidade isolada



Fonte: Printscreen retirado da série *The Last of Us*, da HBO

A cidade isolada, com um plano de fuga, já revela que às vezes não há o que fazer em situações extremas. Essa pintura é uma mulher provavelmente chorando com seu filho com animais ao lado, demonstrando a necessidade de matar para sobreviver ou simplesmente comer a carne mesmo tendo em vista o canibalismo e esse steakhousena última imagem abaixo.

Assim, a análise dessas experiências revela como as perdas contínuas se transformam mesmo em meio ao caos. E como se transfere os mesmos comportamentos para tentar se aproximar de pessoas queridas e seus objetos perdidos não apenas a lembra da amizades e amores mas também da inocência que foi destruída pelo mundo em que vive que ela tentava fazer ressurgir ao recomeçar usando o repertório ensinado e adquirido com as pessoas que passavam em por suas vidas. Assim, a jornada de ambas ilustra como o luto e o trauma moldam suas identidade, levando-as a confrontar não apenas a dor da perda, mas também a complexidade de suas emoções e relações.

Neste contexto, observamos duas personagens, cada uma lidando com seu próprio inferno particular. Ellie, no episódio 8, simbolicamente fez com que o "Messias" fosse ao inferno, ao confrontar David, atear fogo em sua cabana e expor a hipocrisia de sua liderança. Por outro lado, Mabel pode ter forçado o médico a experimentar um amor que não era genuíno, caso ele tenha se sentido obrigado a amá-la dadas as circunstâncias profissionais de sua vida. Essa dinâmica entre as personagens ilustra como o luto e as relações interpessoais entrelaçam, refletindo as complexidades emocionais que cada uma enfrenta em seus mundos.

6. Conclusão

A análise dessas experiências nos revela como as perdas contínuas se transformam mesmo em meio ao caos como se transfere e, aprimora os mesmos comportamentos para tentar se aproximar de pessoas queridas e seus objetos perdidos, não apenas lembrando das amizades e amores, mas também da inocência que foi destruída pelo mundo em que vivem. Ellie tentava fazer ressurgir essa inocência ao recomençar com o repertório ensinado e adquirido com as pessoas que passavam por sua vida.

Nesse sentido, podemos considerar que vemos duas personagens, cada uma com seu “inferno particular”. Ellie, no episódio 8, pode ter feito o "Messias ir ao inferno", enquanto Mabel também pode ter forçado o médico a experimentar um amor que talvez não fosse genuíno, se ele realmente se viu obrigado a amá-la dentro das circunstâncias.

Portanto, percebemos que ambas carregam significados profundos e evocam imagens específicas que moldam a maneira como são vistas e como se veem. Desde a escolha de um nome que é uma expressão de identidade, carregando significados que vão além da mera designação, como portadores de histórias, culturas e valores que ajudam a moldar quem são. Assim, seja através da luz de Ellie ou do amor de Mabel, temos duas ricas e significativas histórias que seguem inspirando a conectar gerações, refletindo a beleza e a complexidade da identidade humana. Assim o luto nas personagens Ellie e Mabel se revela como uma força poderosa e transformadora, moldando suas trajetórias e decisões. Enquanto Ellie busca resgatar a esperança em meio à dor da perda, Mabel se agarra aos laços de amor que a conectam aos outros, mostrando que o luto, embora doloroso, é também um caminho para a compreensão e a reconstrução da identidade. Ambas nos ensinam que, mesmo em meio ao sofrimento, é possível encontrar luz e significado, permitindo que a memória dos que amamos continue viva em nossas ações e escolhas. Como também nos mostram que os clássicos literários podem sim aproximar-se e ser tão atual quanto as novas mídias principalmente em figuras femininas. e seus estados mentais como vemos nas duas personagens, podendo proporcionar esse encontro inserido nos aspectos discutidos

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **Film Art: An Introduction** 8. ed. Nova Iorque: McGraw-Hill, 2008.
- CARUTH, Cathy. **Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.
- CZEKSTER, Gustavo Melo. **Narrativas e Imaginário: A Construção de Sentidos em D.H. Lawrence e The Last of Us** 2012.
- FERRER, Michael. **Dicionário de Símbolos**. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1946.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.
- GENETTE, Gérard. **Narrative discourse: An essay in method**. Cornell UP, 1980.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Olhares, 2013.
- HALL, James. **Dicionário ilustrado de símbolos**. 1. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.
- HUYSSSEN, Andreas. **Políticas de memória no nosso tempo**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.
- JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. Nova Iorque: New York University Press, 2006.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e morrer**. São Paulo: Editora Martins Fontes, xxxx
- LAWRENCE, David Herbert, 1885-1930 **A filha do negociante de cavalos; A meia branca, Sol** tradução Rosana Castilho, Gisele Wokatf, Andréia Martins L. Mateus. -Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MURRAY, Janet. **Hamlet on the holodeck: the future of narrative in cyberspace**. Cambridge: MIT Press, 1997.
- OLIVEIRA JUNIOR, José. **A mise-en-scène no cinema: uma análise da construção visual**. São Paulo: Editora Senac, 2013.
- PELLEGRINI, Tânia. **Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações**. In. PELLEGRINI, Tânia. *et al.* **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo - Instituto Itaú Cultural, 2003. p. 15-35.
- RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 1. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- RYAN, Marie-Laure. **Transmedia storytelling: a comparative approach**. In: *The Routledge companion to media studies and digital humanities*. 1. ed. Nova Iorque: Routledge, 2016

WINNICOTT, Donald. **A criança e seu mundo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

Episódios Citados

LAST OF US. **Left Behind**. Direção: Liza Johnson e Neil Druckmann. HBO, 2023. Estados Unidos.

LAST OF US. **When We Are in Need**. Direção: Ali Abbasi. HBO, 2023. Estados Unidos.